

BOAS PRÁTICAS

Limites das denúncias anônimas

Denúncias anônimas envolvendo plágio e fraude em artigos científicos são recebidas com regularidade pelos editores de periódicos, mas desde 2010 o pseudônimo Clare Francis se tornou um símbolo desse tipo de delação. Diane Sullenberger, editora executiva da *Proceedings of the National Academy of Sciences*, disse à revista *Nature* que 80% das denúncias que tem recebido vieram de e-mails endereçados por Francis – cujo nome verdadeiro, ocupação e gênero seguem desconhecidos.

No ano passado, o *Journal of Cellular Biology* cancelou um artigo escrito em 2006 por pesquisadores italianos sobre mecanismos de fusão de mioblastos por manipulação das imagens publicadas, após investigar denúncia de Clare. O *Journal of Neuroscience* também investigou recentemente uma suspeita de manipulação de imagens num artigo de 1997, mas não conseguiu chegar a uma conclusão: embora a acusação fizesse sentido, os autores do estudo negaram categoricamente a fraude. A dificuldade de apurar o caso tanto tempo depois levou a revista a não determinar a retratação do artigo, mas anexar uma “declaração de preocupação” envolvendo a possível manipulação.

Denúncias anônimas criam dilemas para os editores. “É preciso conhecer as motivações do delator, pois alegações infundadas podem causar prejuízo e se transformarem elas próprias num tipo de má conduta científica”, disse à *Nature* Ulrich Brandt, editor da *Biochimica et Biophysica Acta*. Em fevereiro de 2013, o Committee on Publication Ethics (Cope), fórum de revistas

científicas que congrega mais de 7 mil afiliados, divulgou orientações sobre o assunto. Propôs que qualquer denúncia amparada em provas deve ser investigada, mesmo que não se conheça a origem. Nem todas as revistas seguem essa diretriz. Darren Taichman, editor do *Annals of Internal Medicine*, disse ao *site The Scientist* que denunciante deve informar sua identidade se quiserem que a acusação seja investigada pela revista, que aceita, no entanto, manter o nome do delator em sigilo. Certas táticas de Clare Francis irritam os editores. O pseudônimo às vezes envia as respostas que recebe dos editores para órgãos de imprensa, quando não fica satisfeito com a acolhida da denúncia. Tom Reller, vice-presidente da editora Elsevier, diz que nem todas as acusações feitas por Clare Francis compensam ser investigadas. “As denúncias são produto da



DANIEL BUENO

utilização de softwares em artigos disponíveis publicamente. Em geral apontam falhas em registros. Preferimos gastar nosso tempo com as pessoas que nos dizem coisas sobre registros científicos que não conseguiríamos saber de outra forma”, divulgou Reller no *site* da Elsevier, em dezembro.

Cópia chinesa de artigo brasileiro

Luiz Eduardo Imbelloni, professor de anestesiologia da Faculdade de Medicina Nova Esperança, na Paraíba, foi informado pelo leitor Aman Kumar, em maio do ano passado, de que um de seus artigos havia sido plagiado por pesquisadores da China, que publicaram os mesmos resultados num periódico alemão. “Tudo o que eu havia descrito, inclusive os dados numéricos, tinha sido literalmente copiado”, diz Imbelloni, que denunciou o caso. Em 2010, ele e outros colegas publicaram um artigo em inglês na *Revista Brasileira de Anestesiologia*, com acesso aberto na biblioteca SciELO, editada pela Sociedade

Brasileira de Anestesiologia, sobre a aplicação de raquianestesia (anestesia local) num procedimento cirúrgico que normalmente exige anestesia geral. No ano seguinte, um grupo de pesquisadores liderado por X. Liu, do Hospital de PLA, na China, publicou um artigo na revista alemã *Der Anaesthetist* apresentando surpreendentemente os mesmos resultados, dados e conclusões obtidos pelos brasileiros. “Eles não se esforçaram nem em mudar o número de pacientes que analisamos, 68”, conta Imbelloni. No final do ano passado, a *Der Anaesthetist* desqualificou oficialmente o artigo assinado pelos chineses.